

A PESSOA COMO FERRAMENTA NAS MUDANÇAS DE VOZ: SIKUANI E KATUKINA-KANAMARI

FRANCESC QUEIXALÓS*

RESUMO

Este artigo examina os fenômenos de voz em duas línguas da América do Sul tropical: Sikuani e Katukina-Kanamari. A comparação é interessante pelo fato de que essas línguas apresentam padrões de alinhamento opostos, enquanto a primeira é nominativo-acusativa, a segunda é absolutivo-ergativa, elas geram, respectivamente, uma passiva e uma antipassiva. Apesar dessa extrema simetria, as mudanças de voz se utilizam, nas duas línguas, de instrumentos morfológicos muito afins – e comuns tipologicamente – consistindo na saturação, mediante um afixo não referencial, da posição do argumento que expressa o agente no verbo transitivo.

PALAVAS-CHAVE: relações gramaticais, voz, ergatividade, Sikuani, Katukina-Kanamari.

INTRODUÇÃO

A construção da passiva canônica em línguas europeias passa por processos formais complexos (codificação dos participantes, desfinitização do verbo, intervenção de um auxiliar). Assim, o intuito deste trabalho é mostrar dois exemplos sul-americanos de parcimônia extrema no uso da morfologia verbal com fins de construção de vozes não básicas. Nos dois casos, o verbo transitivo satura a posição morfológica própria à expressão da pessoa do agente por meio de uma forma não referencial. As línguas fornecedoras dos dados são a Sikuani (família Guahibo, Médio Orenoco, abreviado Sik), uma língua nominativo-acusativa, e a Katukina-Kanamari (família Katukina, afluentes meridionais do Solimões, abreviado Kat), língua

* Pesquisador emérito, Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Paris, França; e Núcleo de Tipologia Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: qxls@vjf.cnrs.fr

absolutivo-ergativa. Delas examinarei, respectivamente, as construções passiva e antipassiva. O texto é organizado da seguinte forma: após a apresentação dos dois perfis tipológicos – insistindo nos aspectos relativos à estrutura argumental e às relações gramaticais –, compararei as construções passiva do Sik e antipassiva do Kat, mostrando o quão paralelas elas são em termos morfológicos apesar de sua radical simetria – decorrente dos alinhamentos – em termos de sintaxe. Para encerrar, comentarei o papel semântico agente, que, no meu ver, é a chave para o entendimento dos fenômenos de voz apresentados por Sik e Kat.

1 PERFIS TIPOLÓGICOS

Além dos alinhamentos, as duas línguas contrastam nos seus padrões preferenciais de construção das palavras, sendo Sik notadamente aglutinante, enquanto Kat tende ao tipo isolante. A distinção entre duas classes lexicais, uma de nomes e outra de verbos, é nítida nas duas línguas, embora Sik possua uma subclasse de verbos com várias propriedades de índole nominal. Em Sik, e de igual maneira em Kat, os verbos e os nomes têm vocação a instituir predicados. Destarte, as predicções nominais se fazem sem cópula, com a ressalva de que Kat tem uma cópula para a predicação existencial. A posição de argumento é preenchida naturalmente pelos nomes. Quando verbos devem ocupar a posição de argumento, eles são nominalizados mediante mecanismos complexos em Sik e mais simples em Kat. A presença de uma classe lexical de adjetivos é duvidosa em Kat, clara em Sik embora pobre (menos de duas dezenas). A classe lexical dos nomes se subdivide em monovalentes e divalentes (isto é, “alienáveis” e “inalienáveis” respectivamente), com marcação de posse mais complexa para os monovalentes do que os divalentes; e bem mais complexa em Kat do que em Sik. Os verbos se classificam também em monovalentes e divalentes, mais uma classe de trivalentes em Sik, inexistente em Kat. Há verbos genuinamente auxiliares em Sik, e verbos lexicais em posição de auxiliar nas duas línguas. Sik é mais prolífero do que Kat no que diz respeito aos mecanismos de auxiliarização. A constituição é extremamente rígida em Kat e bem menos em Sik. Ambas as línguas apresentam incorporação nominal no verbo, e construções aplicativas,

porém Sik, de modo muito mais profuso do que Kat. A construção causativa é sintática em Kat e também morfológica. Ela se faz em Sik de um modo intermediário entre sintaxe e morfologia: a auxiliarização. Enfim, as categorias de tempo-aspecto-modo se expressam com partículas dos dois lados, assim como, em Sik, mediante flexão verbal e auxiliarização.

Recapitulando:

Sik		Kat
acusativo	<i>alinhamento de base</i>	ergativo
aglutinante	<i>formato das palavras</i>	relativamente isolante
nítida (porém, uma subclasse de verbos com propriedades nominais)	<i>distinção nome / verbo</i>	nítida
verbos, nomes	<i>função predicativa não derivada</i>	verbos, nomes (mas cópula em predicação existencial)
nomes, nominalizações com morfologia complexa	<i>função argumental</i>	nomes, nominalizações com morfologia simples
sintagma nominal, indexação no verbo	<i>forma dos argumentos</i>	sintagma nominal, indexação no verbo
inventário pequeno (uma quinzena)	<i>classe de adjetivos</i>	existência duvidosa
monovalentes (“alienáveis”) divalentes (“inalienáveis”); correlato formal: dois paradigmas de prefixos pessoais	<i>subclasses de nomes</i>	monovalentes (“alienáveis”) divalentes (“inalienáveis”); correlato formal: duas estruturas do sintagma nominal
valência 1, 2 & 3	<i>subclasses de verbos</i>	valência 1, 2
primitivos e derivados; muitos	<i>auxiliares</i>	derivados; poucos
relativamente flexível	<i>constituência</i>	rígida
prolífica; verbos divalentes e inacusativos	<i>incorporação nominal</i>	parca; verbos divalentes e inacusativos; só nomes divalentes
auxiliar	<i>causativa</i>	auxiliar, sufixo
auxiliares, afixos, partículas	<i>TAM</i>	partículas

Passo agora a apresentar as propriedades básicas dos domínios concernentes à estrutura argumental, o alinhamento e as relações gramaticais *sujeito* e *objeto*. Como já disse, Sik é uma língua nominativo-acusativa – com traços de ergatividade ubíqua (QUEIXALÓS, 2013) não pertinente ao que nos interessa aqui. Kat é uma língua absolutivo-ergativa que pertence ao subtipo – pouco frequente no mundo, mas não raro na Amazônia (QUEIXALÓS e GILDEA, 2010) – das línguas ergativas homogêneas, isto é, sua morfologia e sua sintaxe seguem o mesmo padrão de alinhamento ergativo. Observaremos, porém, que ela apresenta uma construção, marcada funcionalmente, de cunho nominativo-acusativo. Para mais detalhes sobre Sik, ver Queixalós (1998, 2000); sobre Kat, Queixalós (2010) e dos Anjos (2011).

1.1 Codificação

As duas línguas têm, em grau diferente, morfologia argumental no verbo.

1.1.1 Sik

Os verbos divalentes têm morfologia para os dois argumentos, sufixos para agente e prefixos para paciente.¹ A terceira pessoa carece de realização fonológica.

- (1) *ne-hunata-me*
 1ACUSATIVO-chamar-2NOMINATIVO
 ‘Tu me chamas.’

Sintagmas nominais correferenciais com os afixos argumentais podem aparecer.² A ordem menos marcada é com o paciente precedendo imediatamente o verbo, e o agente antes do paciente.

- (2) *Nusalia₁ dopa₂ Ø₂-exana-Ø₁*
 Nusalia yopo 3ACUSATIVO-fazer-3NOMINATIVO
 ‘Nusalia fez yopo.’³
- (3) *Ø-exana-Ø*
 3ACUSATIVO-fazer-3NOMINATIVO
 ‘Ele o fez.’

os afixos de primeira e segunda pessoa – acusativa, nominativa e adnominal – se faz com um prefixo mais externo *pa-*.

Concluimos que, na oração básica Sik, há um argumento nominativo e um argumento acusativo, ambos com codificação na morfologia verbal e, sob condições de correferência, como sintagmas nominais. Indícios indiretos apontam para a posição do sintagma nominal acusativo como interna ao sintagma verbal (QUEIXALÓS, 2000).

1.1.2 Kat

Os verbos divalentes têm morfologia para um só argumento: o participante agente se realiza em um paradigma de prefixos pessoais.

- (6) *a-ohoman* *adu*⁶
3ERGATIVO-chamar 1SINGULAR
'Ele me chamou.'

Sintagmas nominais expressando o agente e o paciente podem aparecer. O primeiro ocorre dentro do sintagma verbal, eliminando o prefixo pessoal e se associando a uma marca de caso. O segundo vem depois e fora do sintagma verbal, sem marca de caso explícita.

- (7) *Kontan-na*⁼⁷ *ohoman* *Owi*
Kontan-ERGATIVO= chamar Owi
'Kontan chamou Owi.'

Verbos monovalentes não têm morfologia argumental, eles coocorrem opcionalmente com um sintagma nominal à sua direita, que expressa o argumento único.

- (8) *daan* *piya*
ir homem
'O homem foi embora.'

A posição pré-sintagma verbal é possível para o sintagma nominal expressando o paciente ou o argumento único. O outro sintagma não tem liberdade de movimento sem perder sua posição de argumento.

A seguir, há o paradigma de prefixos pessoais:

(9)		singular	plural
	1	<i>yo-</i>	<i>tyo-</i>
	2	<i>no-</i>	<i>na-</i>
	3	<i>a-</i>	<i>ma-</i>

A primeira pessoa tem alomorfismo. A pessoa do argumento único e paciente se expressa mediante pronomes livres que instituem um sintagma nominal, como pode ser observado em (6). O paradigma em (9) serve também para marcar a pessoa em nomes divalentes (“inalienáveis”). A posse com nomes monovalentes se constrói de maneira complexa com um nome genérico relacional intermediando as expressões do possuidor e do possuído (QUEIXALÓS, 2005).

A construção divalente conhece uma cisão. Com um argumento paciente genérico, lança-se mão de uma estrutura de alinhamento acusativo: o verbo carece de morfologia pessoal, o participante agente se expressa em um sintagma nominal pós-verbal, o participante paciente está dentro do sintagma verbal, e nenhum dos dois é portador de caso explícito. Compare-se (10) com a construção monovalente em (8), e com a construção divalente de alinhamento ergativo (7).

(10)	<i>barahai</i>	<i>tukman</i>	<i>Mayon</i>
	CarneDeCaça	cortar	Mayon
	‘Mayon cortou carne de caça.’		

Concluimos que, na oração básica, Kat apresenta um argumento absoluto e um argumento ergativo, o segundo com codificação na morfologia verbal *vs.* como sintagma nominal. O sintagma nominal ergativo é claramente interno ao sintagma verbal. O sintagma nominal absoluto é externo e pode ser movido e elidido (*pro*).

1.2 *Sintaxe*

Aqui dou algumas indicações sobre os alinhamentos tal como eles se revelam nas operações que afetam a forma da oração básica ou no controle da correferência. No domínio da sintaxe, a existência

- (13) *Palupaluma*₁ *Ø*₂-*ewetabiaba-Ø*₁ *pexi*₂ *baha...*
 coelho 3ACUSATIVO-TomarContaDe- crianças ACONTECIDO
 3NOMINATIVO

‘Coelho tomava conta das crianças’

- ...*itsa* *ponabiaba-Ø*₁ *Newüthühawa* *beria*
 quando IrComFrequência- CasaDaOnça NaDireçãoX
 3NOMINATIVO

‘...quando ele ia na Onça.’

- (14) *itsa* *tsewa-Ø*₁ *baha* *atuxuhibi- Ø*₁ *baha*
 quando secar- ACONTECIDO NãoTerCheiro- ACONTECIDO
 3NOMINATIVO 3NOMINATIVO

‘Quando seca ele não tem mais cheiro.’

O argumento nominativo Sik é sintaticamente proeminente no que tange à sobretematização e ao controle da correferência; tem, destarte, propriedades de sujeito.

1.2.2 Kat

Como vimos, o sintagma nominal ergativo é interno ao sintagma verbal e o argumento absolutivo é externo. Além da capacidade de elisão e movimento mencionados acima, este último tem privilégios sistemáticos sobre o argumento ergativo nestes mecanismos sintáticos: acessa 1) a combinação com, ou substituição por, formas demonstrativas; 2) a coordenação; 3) a interrogação; 4) a relativização; 5) a focalização (foco contrastivo); 6) a nominalização orientada; 7) o *status* de antecedente de certas formas anafóricas intra e extraoracionais realizadas como zero fonológico; e 8) a posição de argumento de uma forma verbal não finita realizado como zero fonológico (*PRO*). Dessa forma, a seguir há dois exemplos desse conjunto de fatos, focalização, em (15) e (16), e controle da correferência, em (17) e (18).

- (15) *wiri* *na* *tyo-ikihak*
 queixada FOCO 1PLURAL-flechar
 ‘É o queixada que nós flechamos.’

(16) *waro kana kitan-nin*
 papagaio FOCO⁸ dormir-DURATIVO
 ‘É o papagaio que está dormindo.’

(17) *koramaman-na= tohi:k nuk₁...*
 cobra-ERGATIVO olhar grupo
 ‘A cobra olhava o grupo [de mulheres]...’

...pok-nin bapo-nin Ø₁ kotyia-na= katu
 transar- terminar- lontra-OBJETODEPÓS- COMITATIVO
 DEPENDÊNCIA⁹ DEPENDÊNCIA POSIÇÃO
 ‘...enquanto elas terminavam de transar com a lontra.’

(18) *tona ityarookpu₁ Nodia-na= wu-tu-nin Ø₁*
 IrEmbora menina Nodia- querer-NEGAÇÃO-
 ERGATIVO= DEPENDÊNCIA
 ‘A menina foi embora porque Nodia não a quer.’

O argumento absolutivo Kat é sintaticamente proeminente e o argumento nominativo da construção acusativamente alinhada partilha essas propriedades, por exemplo, o controle da correferência.

(19) *tukuna buhuk Tamakori₁ tona-nin ama Ø₁*
 SerHumano fazer Tamakori IrEmbora- FINALIDADE
 DEPENDÊNCIA
 ‘Tamakori criou a humanidade para poder ir-se embora.’

Em síntese, o argumento absolutivo da construção ergativa, o argumento nominativo da construção acusativa e o argumento único do verbo monovalente têm as mesmas características de codificação e constituição, assim como os mesmos privilégios de comportamento e controle. As três últimas características – constituição, comportamento, controle – os instituem como a categoria formal de sujeito. Os argumentos ergativo e acusativo, os não sujeito das duas construções divalentes (com papéis semânticos de agente e paciente, respectivamente), entram na categoria formal de objeto direto.

2 Voz

Aqui introduzo brevemente a noção de voz, delimitando seu domínio em relação a outros domínios conexos, mas não idênticos, para depois examinar, munido dessa ferramenta, as manifestações da voz nas duas línguas sob análise.

2.1 *Uma definição*

A existência do fenômeno *voz* em uma língua pressupõe a existência concomitante de uma estrutura argumental dos predicados que inclua, além dos níveis de codificação, papéis semânticos e hierarquia temática (informacional) dos participantes, o nível das relações gramaticais, ou seja, as categorias de sujeito e objeto(s) como argumentos claramente hierarquizados na sintaxe. A presença de voz é detectada através de um tipo de mudança na estrutura argumental em que o vínculo entre o verbo e seu sujeito se torna diferente no que tange a, pelo menos, um dos três outros níveis da estrutura argumental: casos, papéis semânticos e hierarquia temática. A língua Lakhota, por exemplo, não tem voz (VAN VALIN, 1985), pois sua intransitividade cindida combinada com uma morfologia verbal profusa torna desnecessária a hierarquização dos argumentos na sintaxe. Essa definição, baseada na relação do verbo com seu sujeito, não passa de uma explicitação do conceito de voz como mudança na *orientação* gramatical do predicado (LAZARD, 1997). Ela vê a mudança de voz como um caso particular de mudança da estrutura argumental, aquela que modifica as propriedades do sujeito em sua relação ao predicado.

Talvez não seja inútil, neste ponto, a explicitação de dois detalhes terminológicos: 1) o uso que faço de *tema* e *temático* diz respeito estritamente à estrutura informacional. As diversas maneiras de existir dos participantes no estado do mundo descrito por um predicado chamo de *papéis semânticos*; 2) o qualificativo *formal*, que já apareceu umas quatro vezes neste texto, está estritamente relacionado ao conjunto de propriedades estruturais que identificam uma construção ou uma categoria. Ele não se vincula à noção de “formalização” como paleta de convenções terminológicas e notacionais que vários modelos teóricos adotam como centrais em sua interpretação da estrutura linguística.

2.2 *Sik*: passiva

O exemplo a seguir tem a mesma estrutura do exemplo (2) que ilustra, em 1.1.1, uma construção transitiva:

- (20) *Nusalia*₁ *Hialai*₂ Ø₂-*hunata*-Ø₁
Nusalia Hialai 3ACUSATIVO-chamar-3NOMINATIVO
'Nusalia chamou a Hialai.'

O sufixo nominativo -Ø e o sintagma nominal *Nusalia* constituem a expressão do sujeito. De igual maneira, o prefixo acusativo Ø- e o sintagma nominal *Hialai* exprimem o objeto.

O participante *Nusalia*, agente-tema-nominativo-sujeito, pode ser eliminado da cena graças a um mecanismo simplérrimo: saturando a posição morfológica de nominativo com uma forma carente de referência.¹⁰ Esta forma não é outra do que o sufixo nominativo de quarta pessoa, -*tsi*, primeira plural inclusiva na sua acepção básica. Este sufixo apresenta um leque de ocorrências relacionadas com processos que subsumirei no vocábulo *desespecificação* (acarretando ora indefinição ora perda da referência; veja embaixo uma amostra das ocorrências). Podemos supor que os tais processos se ordenam em uma sequência diacrônica de gramaticalização gradual do sufixo, cujo resultado final é 1) a radical eliminação do agente, e 2) seu corolário, a promoção *sintática* do paciente. A passiva *Sik* só é possível em contextos em que todos os argumentos são de terceira pessoa e o participante do argumento acusativo é alto em alguma escala de saliência (humanidade, animacidade, individuação etc.).

- (21) *Hialai*₁ Ø₁-*hunata-tsi*₀
Hialai 3ACUSATIVO-chamar-4NOMINATIVO
'A Hialai foi chamada.'

A coindexação anotada em (21) mostra que o sintagma nominal *Hialai* estabelece correferência com o prefixo acusativo, sendo ambos a expressão do único argumento da nova construção.

Quando o falante quer reativar um referente já introduzido, mas cuja identidade se tornou precária ora porque sua última menção

Uma primeira generalização efetuada em cima do significado de *-tsi* é a indefinição do seu referente. Autobiografia:

- (25) *itsa penakuetowayo-nü, warapa-biaba-tsi*
quando criança- IrDeUmCantoParaOutro-
1NOMINATIVO¹¹ ITERATIVO-4NOMINATIVO
‘Quando eu era criança, as pessoas levavam uma vida de nômade.’

A segunda generalização consiste no fato de *-tsi* indefinido ser aproveitado na construção obrigatoriamente honorífica de um verbo transitivo associado a um nominativo de primeira pessoa e um acusativo de segunda, como pode ser observado em (26). A construção regular, em (27), é agramatical aqui, mas requerida na configuração simétrica – nominativo de segunda, acusativo de primeira –, em (28).

- (26) *ka-hitsipa-tsi*
2ACUSATIVO-querer-4NOMINATIVO
‘Eu te amo [lit.: alguém te ama].’

- (27) **ka-hitsipa-hü*
2ACUSATIVO-querer-1NOMINATIVO

- (28) *ne-hitsipa-me*
1ACUSATIVO-querer-2NOMINATIVO
‘Tu me amas.’

A terceira generalização produz a perda de referência do participante. Receita para aliciar as mulheres:

- (29) *bihiatha Ø-sebaxuaba-tsi*
mal 3ACUSATIVO-assar-4NOMINATIVO
‘Mal se assa [o coração do beija-flor].’

É de se notar que a de-referenciação aqui já ultrapassa o simples *status* de acepção semântica: ela tem consequências formais na perda de concordância dos auxiliares de postura corporal.¹²

- (30) *kahena mahita-rubena-tsi*
 bem dormir-EstarPenduradoPLURAL-4NOMINATIVO
 ‘Nós [1+2(+3)] dormimos bem.’
- (31) *kahena mahita-ruka-tsi*
 bem dormir-EstarPenduradoSINGULAR-4NOMINATIVO
 ‘Se dorme bem [na rede].’

A passiva constitui, como quarta generalização, um passo além muito natural: o participante agente não tem referente e, destarte, o paciente fica, por defeito, o único participante dotado de referência na construção. Comparando (24) com (21), observamos que a forma da oração passiva é idêntica à da oração transitiva básica, provida de um argumento acusativo de terceira pessoa e um argumento nominativo de primeira plural inclusiva. A diferença entre ambas reside, no plano funcional, em 1) a indisponibilidade na passiva de um agente plausível no contexto discursivo ou situacional; 2) a restrição imposta à passiva de o participante expresso pelo argumento acusativo ter de ser alto em alguma hierarquia de saliência; e no plano formal, na incapacidade de o participante agente de ser instanciado por um sintagma nominal em posição inicial, (32), devendo, se precisar, ocorrer como sintagma retematizado em posição final (22).

- (32) **Nusalia*₁, *Hialai*₂, \emptyset ₂-*hunata-tsi*₀
 Nusalia Hialai 3ACUSATIVO-chamar-4NOMINATIVO
 ‘Hialai foi chamada por Nusalia.’

A mais extrema – e quinta – generalização encontra-se nos verbos passivos impessoais divalentes, visto que eles constituem uma classe léxica, cuja forma na oração é a do verbo divalente passivado, porém 1) carecem de restrição sobre a saliência do participante paciente (imperativamente, aqui também, de terceira pessoa); 2) é totalmente proscrita a instanciação do participante agente, inclusive como retematização. São verbos formalmente transitivos, mas inerentemente desprovidos de participante agente capaz de acessar a referência, que cobrem o campo semântico das afecções – tanto físicas quanto mentais – dos animados, e os processos de degradação material dos não animados.

(33) *Nusalia₁ Ø₁-romaeba-tsi₀*
 Nusalia 3ACUSATIVO-DarMalária-4NOMINATIVO
 ‘Nusalia está com malária.’

(34) *matsuka₁ Ø₁-pulumaba-tsi₀*
 beiju 3ACUSATIVO-DarMofu-4NOMINATIVO
 ‘O beiju mofou.’

Voltando à sintaxe da construção passiva, sabemos (cf. 1.2.1) que o sujeito Sik tem acesso exclusivo à sobretematização e acesso privilegiado ao controle da correferência. Os dois exemplos a seguir mostram que o argumento único da passiva adquire essas propriedades:

(35)
Kawiri₁ baitsi Ø₁-bihiana-tsi₀
 Kawiri SOBRETEMATIZADOR 3ACUSATIVO-metamorfosear-4NOMINATIVO
 ‘Os Kawiri foram metamorfoseados.’

(36) *baharapowa₁ Ø₁-namataxünabiaba-tsi₀...*
 EssaMulher 3ACUSATIVO-EncontrarIterativamente-4NOMINATIVO
 ‘Essa mulher era cortejada...’

...pabia itsa pona-Ø₁
 NaRoça quando ir-3NOMINATIVO
 ‘...quando ia na roça.’

O sujeito, portanto, passa de nominativo agente na construção básica a acusativo paciente na construção secundária. Estamos, segundo a definição acima proposta, diante de um fenômeno de voz. A passiva Sik é promocional na sintaxe (o paciente vai para sujeito), mas não na morfologia (o paciente fica no acusativo).¹³ O fato de a promoção ser só parcial decorre plausivelmente do tipo de motivação que determina a mudança de voz nessa língua: com a forma [Ø-verbo-tsi₀] o falante almeja, antes de tudo e por razões diversas atreladas à semântica e à pragmática, relegar o participante agente da cena descrita. Essa necessidade é satisfeita com a simples desespecificação do sufixo nominativo originalmente de primeira plural inclusiva. Quando a

Como é possível prever, já que a motivação para a mudança de voz em Kat é principalmente formal – promoção do participante agente –, as necessidades comunicativas fazem com que a expressão do participante paciente seja retida com muito mais frequência do que a expressão do agente na passiva Sik. Isso se traduziria no surgimento, observado em um dos dialetos (Katukina), de uma construção mais integrada na estrutura da oração, sob forma de sintagma posposicional.

Uma vez que o participante agente é promovido a absolutivo-tema-sujeito, ele tem acesso aos privilégios sintáticos identificados em 1.2.2. Com o propósito de fazer uma comparação com as formas básicas ilustradas acima, dou aqui um exemplo de focalização e outro de correferência. Em (41), o sujeito da antipassiva encontra-se inserido em uma sequência de sujeitos correferenciais de orações intransitivas, entre elas a antipassiva.

(40)

<i>Aro kana</i>	<i>wa-nuhuk</i>	<i>a-obatɣawa</i>	<i>kariwa-na=</i>	<i>ton</i>
Aro	FOCALIZAÇÃO	ANTIPASSIVO- dar	3SINGULAR- esposa	NãoÍndio- CASOMARCADO=
				DESTINATÁRIO

‘Foi o Aro quem deu sua mulher ao não índio.’

(41) *pa:dyi ityaro-hi= nuk,_p...*
 chegar mulher-PLURAL= grupo
 ‘As mulheres₁ chegaram,’

... wa-pu Ø₁ niama,...
 ANTIPASSIVO-comer então
 ‘daí elas₁ comeram,’

...koniohin Ø₁ niama
 dançar então
 ‘daí elas₁ dançaram.’

Pelos critérios adotados acima para a definição das relações gramaticais, temos na construção transitiva básica uma posição de sujeito codificada como absolutivo e expressando o paciente, que passa na construção secundária a expressar o agente. De novo, um fenômeno de voz. Portanto, a antipassiva Kat é promocional na morfologia (o agente vai para absolutivo) e na sintaxe (o agente vai para sujeito).

3 O AGENTE

É de se notar que, apesar de Sik e Kat serem radicalmente simétricas no que tange aos casos (nominativo/acusativo vs. absolutivo/ergativo), à projeção dos papéis semânticos sobre as relações gramaticais (agente-sujeito vs. paciente-sujeito), e até aos fenômenos de voz (passiva vs. antipassiva), o mecanismo morfológico que opera na mudança de voz é quase idêntico nas duas línguas: a saturação da posição de pessoa agente no verbo mediante uma forma desprovida de referência (“quase”: em Sik a acepção vácuca de *-tsi* é derivada da acepção referencial primeira inclusiva, em Kat *wa-* é uma forma alheia à categoria de pessoa). As duas línguas constroem sua alternância de voz sobre a evacuação do agente da morfologia verbal de pessoa – a primeira para relegá-lo, a segunda para promovê-lo. Primus (1999, p. 247) observa atinadamente que nas línguas, afinal de contas, passiva e antipassiva trabalham identicamente em cima do *status* sintático do agente.

Como vimos, a mudança de voz é motivada em Kat pela necessidade de promover formalmente o participante agente de uma posição de argumento interno-ergativo a uma posição de argumento externo-absolutivo que lhe dê acesso aos privilégios sintáticos do sujeito (cf. 2.2.2). Ela tem como motivação secundária a necessidade funcional de relegar o participante paciente *genérico* da posição de argumento nuclear externo a uma posição de adjunto. A antipassiva compete nesse campo com a estrutura oracional transitiva de alinhamento nominativo-acusativo mencionada acima, exemplo (10) reproduzido aqui como (43).

(42) *wa-toman* *adu* *wiri* *katu* *wa*
ANTIPASSIVO-matar eu queixada COMITATIVO FUTURO
‘Eu vou matar queixada.’

(43) *barahai* *tukman* *Mayon*
CarneDeCaça cortar Mayon
‘Mayon cortou carne de caça.’

Pelo contrário, a mudança de voz em Sik responde a diversos condicionamentos nitidamente funcionais afetando o participante agente quanto à sua menor especificidade (semânticos: não animado, genérico, abstrato; pragmáticos: óbvio, carente de interesse/pertinência, desconhecido, encoberto), o qual se reflete, como já foi dito, na simplicidade da parafernália formal: mera extensão da leitura dos padrões existentes. Por sua vez, a motivação sintática da passiva não deixa de estar presente, embora em um nível segundo: acesso do argumento expressando o paciente ao foco contrastivo e à condição de antecedente preferencial de formas anafóricas.

A diferença entre as duas línguas, no que diz respeito às razões pelas quais os falantes lançam mão da alternância de voz – forma em Kat vs. função em Sik –, explica o fato de que Kat transmude substancialmente a estrutura da oração básica enquanto Sik a deixe praticamente intacta, o argumento acusativo acessando a posição de sujeito pela simples desistência do argumento nominativo desespecificado.

Sinopticamente:

(44)

	ANTIPASSIVA KAT	PASSIVA SIK
dispositivo formal básico	bloquear o acesso do participante agente ao seu paradigma verbal	
complexidade formal relativa	alta	baixa
motivação primária	formal (promover agente)	funcional (desespecificar agente)
motivação secundária	funcional (desespecificar paciente)	formal (promover paciente)

As línguas são prolixas em mecanismos destinados a relegar o participante agente (cf. uma amostra translinguística em QUEIXALÓS, 2013, p. 40-46) bem mais do que em mecanismos destinados a relegar outros tipos de participantes, inclusive o paciente, o qual, naturalmente, é sintomático de que o agente é proeminente no nível cognitivo e tende, em condições não marcadas, a ocupar uma posição também proeminente na estrutura argumental dos predicados verbais (cf. por exemplo, GIVÓN, 2001, p. 200). Semelhante proeminência, que plausivelmente

se situa no âmbito da cognição, dá conta de forma simples das passivas do tipo Sik: expelir o agente de sua posição hierarquicamente alta na expressão dos participantes. Resta explicar como ela daria conta, em Kat, da promoção de um participante agente que ocupa uma posição hierarquicamente baixa na expressão dos participantes (argumento interno). A hipótese é de que, em uma arquitetura gramatical como a de Kat, em que a expressão do agente na oração básica se assemelha à do objeto direto das línguas nominativo-acusativas – sintagma nominal interno ao sintagma verbal, caso marcado, acesso restrito a operações sintáticas e ao controle da correferência –, em uma palavra, em um contexto de ergatividade homogênea na morfologia e na sintaxe, a proeminência cognitiva do agente – independente de qualquer tipo gramatical particular – requer um mecanismo produtivo em que esse participante venha ocupar a posição proeminente no âmbito da forma.¹⁴

4 DISCUSSÃO

Duas línguas tipologicamente simétricas do ponto de vista das relações gramaticais tiram partido da manipulação do paradigma de pessoa expressando o participante agente dos verbos transitivos para construir sua voz derivada. O texto tenta mostrar esse paralelismo, após ter fornecido uma visão sinóptica da arquitetura gramatical de ambas as línguas e sugerido uma definição das mudanças de voz. A explicação da similitude entre os dois mecanismos de codificação da voz residiria na proeminência cognitiva do participante agente, que com uma alta frequência precisa ser 1) atenuada lá onde esse participante é morfossintaticamente privilegiado – organização nominativo-acusativa –, ou 2) restaurada lá onde ele é, ao contrário, morfossintaticamente subalterno (objeto em Kat, por exemplo) – organização absolutivo-ergativa.

A questão de saber se 1) uma língua de alinhamento nominativo-acusativo pode possuir uma construção antipassiva e, simetricamente, se 2) uma língua de alinhamento absolutivo-ergativo pode possuir uma construção passiva, recebe, a meu ver, uma resposta bifacetada e assimétrica. Tem-se sugerido a afirmativa para 1), por exemplo, o polonês (JANIC, 2008; veja também LAZARD, 1989, sobre a ideia). Essa

abordagem só é plausível se a voz é vista como mera mudança de estrutura argumental, em um mesmo plano que a incorporação nominal, o reflexivo, o aplicativo, o causativo etc., sem considerar o conceito de orientação do predicado, isto é, a especificidade da relação entre um dos argumentos e seu predicado, presente em algumas línguas e em outras não. Paralelamente, Mithun (2006) defende a ideia de que a existência da passiva não está atrelada à existência do sujeito).¹⁵ Já a resposta a 2) é inescapavelmente afirmativa: a passiva é um recurso natural em uma língua que, embora absolutivo-ergativa na codificação, é nominativo-acusativa na sua sintaxe, o que é o caso da imensa maioria das línguas qualificadas de ergativas, mas não do Kat.

A manipulação da categoria de pessoa para a mudança de voz é algo comum, umas línguas reciclando a primeira plural inclusiva, outras a terceira plural, ainda outras lançando mão de formas não pessoais, mas interferindo no paradigma de pessoa, como o Kat com *wa-*.¹⁶ Resta elucidar se esses dispositivos estão em distribuição complementar interlinguisticamente: a terceira plural só seria utilizada nos sistemas carentes da distinção inclusivo/exclusivo.

O emprego do inclusivo para os processos de desespecificação não deixa de ser paradoxal, já que tendo como referente os participantes do ato de comunicação, o inclusivo é por excelência referencial. Se reparamos que a noção de humano é consubstancial a esse referente intralocutivo, vemos que a categoria de inclusivo se presta para generalizar em direção à classe dos humanos, e daí a classes mais e mais abrangentes e, afinal, abstratas.

Nada disso é realmente exótico. As línguas românicas, por exemplo, possuem muitos dos traços aqui exibidos em relação às línguas pouco conhecidas. O vínculo entre terceira plural e desespecificação do agente está sendo aproveitado por variedades do espanhol em que a passiva canônica perde fôlego (jornal peruano: *reorman el sistema científico argentino*). O vínculo entre “humano”, primeira plural (inclusiva ou não) e desespecificação é manifestado no português do Brasil pelas diversas acepções de *gente*, e no francês oral pela multifuncionalidade de *on* – cujo étimo, latim “homem”, deu também um *hom* em catalão algo menos gramaticalizado do que o *on* francês. Nesse grupo de línguas, a intervenção de uma forma não pessoal no paradigma de pessoa com a finalidade da mudança de voz é espetacular

nas variadas construções médias obtidas, tanto em verbos transitivos quanto intransitivos, graças à forma originalmente reflexiva *se*.

PERSON AS A TOOL FOR VOICE: THE CASE OF SIKUANI AND KATUKINA-KANAMARI

ABSTRACT

The paper examines voice phenomena in two languages spoken in tropical South America, Sikuani and Katukina-Kanamari. Since the two languages display opposite alignment properties – the first being nominative-accusative, the second absolutive-ergative –, they naturally have a passive and an antipassive respectively. A comparison between these systems is interesting because in spite of their highly symmetric patterns, in both voice changes are primarily built on the same – and typologically common – morphological tool, namely saturating the position of the argument expressing the agent in the transitive verb word with a non-referential affix.

KEY WORDS: grammatical relations, voice, ergativity, Sikuani, Katukina-Kanamari.

LA PERSONA COMO HERRAMIENTA EN LOS CAMBIOS DE VOZ: SIKUANI E KATUKINA-KANAMARI

RESUMEN

El artículo examina los fenómenos de voz en dos lenguas de la América tropical, Sikuani y Katukina-Kanamari. Las dos lenguas presentan alineamientos opuestos – la primera es nominativo-acusativa, la segunda es absolutivo-ergativa – y por ende disponen de mecanismos de voz también contrastados: pasiva y antipasiva respectivamente. La comparación entre esos dos sistemas muestra de manera interesante que, a pesar de la fuerte simetría entre sus formas de estructurar la cláusula básica, las voces secundarias están construidas con el mismo – y tipológicamente común – instrumento morfológico, esto es: saturando la posición del argumento que expresa el agente en el verbo transitivo con un afijo carente de referencia.

PALABRAS CLAVE: relaciones gramaticales, voz, ergatividad, Sikuani, Katukina-Kanamari.

NOTAS

1. Obviamente dou aos papéis semânticos denominações baseadas em critérios de prototipicidade. Os verbos trivalentes conservam as mesmas duas vagas na morfologia verbal, mas a de prefixo acusativo codifica o participante destinatário.
2. Não há base para considerar esses afixos como concordância. No exemplo anterior, eles não concordam com nada.
4. *ü* é uma vogal alta posterior não arredondada [ɯ].
5. “Primeira plural inclusiva” é um modo comum, porém levemente inadequado, de designar uma pessoa que, no fundo, não é mais primeira (1+2) do que segunda (2+1). É comum que, se uma língua apresenta a distinção entre plural inclusivo e plural exclusivo, o inclusivo tende a se expressar mediante uma forma original e o exclusivo mediante uma forma derivada do singular de primeira (HAGÈGE, 1982). É o caso do Sik (mas não do Ainu, cf. SHIBATANI, 1985). A originalidade formal do inclusivo é um indício de que os falantes não concebem essa pessoa meramente como o plural de outra coisa, à diferença da segunda plural ou da primeira plural exclusiva. Daí minha glosa como *quarta pessoa* (obviamente em um sentido diferente da quarta pessoa do Quechua e de algumas línguas da América do Norte).
10. Mais exatamente, o que é eliminado é o participante agente ou único, daí a denominação *nominativo* para seu correlato morfológico.
12. O que poderia ser um indício de criação de uma passiva impessoal de verbo monovalente.
13. A passiva *Ute* tem essa mesma característica (GIVÓN, 1981).
14. E, além disso, já no plano da evolução das línguas, prepare o terreno para a reanálise da antipassiva em estrutura oracional transitiva básica, roteiro conhecido – mas não necessário – na diacronia da ergatividade (QUEIXALÓS, 2013, entre outros).
15. Mais precisamente, à existência de relações gramaticais. As línguas de alinhamento nominativo-absolutivo (ou ativo-estativo, cf. QUEIXALÓS, 2013, p. 10, 75) tendem a carecer de relações gramaticais (VAN VALIN, 1985) e, por via disso mesmo, de mudanças de voz no sentido aqui proposto.
16. Ou o francês com *on* (veja 6).

REFERÊNCIAS

- ANJOS DA SILVA, Z. *Fonologia e gramática Katukina-Kanamari*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Livre de Amsterdam, 2011. 430 p.
- GIVÓN, T. Typology and functional domains. *Studies in Language*, v. 5, p. 163-169, 1981.
- _____. *Syntax : an introduction I*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- HAGÈGE, C. *La structure des langues*. Paris: PUF, 1982.
- JANIC, K. Do antipassive constructions exist in Polish? *Third International "Perspectives on Slavistics" Conference*. Universität Hamburg, August, 2008. p. 28-31.
- LAZARD, G. Transitivity and markedness: the antipassive in accusative languages. In: TOMIC, O. M. (Ed.). *Markedness in synchrony and typology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989. p. 309-331.
- _____. Actance, diathèse: questions de définition. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, v. 92, n. 1, p. 115-136, 1997.
- MITHUN, M. Voice without subjects, objects, or obliques: manipulating argument structure in agent/patient systems (Mohawk). In: TSUNODA, T.; KAGEYAMA, T. (Eds.). *Voice and grammatical relations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 195-216.
- PRIMUS, B. *Cases and thematic roles*. Tübingen: Niemayer, 1999.
- QUEIXALÓS, F. *Nom, verbe et prédicat en Sikuni*. Louvain: Peeters, 1998. 422 p.
- _____. *Syntaxe Sikuni*. Louvain: Peeters, 2000. 447 p.
- _____. Posse em Katukina e valência dos nomes. In: RODRIGUES, A.; CABRAL, A. (Orgs.). *Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Ed. UnB, 2005. p. 177-202.
- _____. Grammatical relations in Katukina-Kanamari. In: GILDEA, S.; QUEIXALÓS, F. (Eds.). *Ergativity in Amazonia*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 235-284.
- _____. Antipassive in Katukina-Kanamari. In: AUTHIER, G.; HAUDE, K. (Resps.). *Ergativity, valency and voice*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 227-258.
- _____. *L'ergativité est-elle un oiseau bleu?* Munich: Lincom/LSLT 26, 2013. 112 p.

QUEIXALÓS, F.; GILDEA, S. Introduction. In: GILDEA, S.; QUEIXALÓS, F. (Eds.). *Ergativity in Amazonia*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 1-25.

SHIBATANI, M. Passives and related constructions: a prototype analysis. *Language*, v. 61, n. 4, p. 821-848, 1985.

VAN VALIN, R. Case marking and the structure of the Lakhota clause. In: NICHOLS, J.; WOODBURY, A. (Eds.). *Grammar inside and outside the clause*. Londres: Cambridge University Press, 1985. p. 363-413.

Recebido em 16 de junho 2014

Aceito em 20 de julho 2014
